

Brasília

O miniprojeto de Lúcio Costa

CARÉO BRAZILEIRO

OSVALDO PERALVA

- 1 SET 1985

Os homens responsáveis tecnicamente pela construção de Brasília, como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, são dominados hoje em dia por um sentimento de insatisfação. Os modernos criadores não têm a mesma onisciência do Deus do Gênesis, que ao final de cada dia repousava tranquilo, com a certeza de que sua obra era boa. E que ele partia do nada. Já os demiurges, na concepção platônica, organizam as coisas com base na matéria pré-existente, o que implica o condicionamento a certas circunstâncias.

Assim se explica que homens progressistas, com uma visão humanística da sociedade, tenham produzido isso que ai está: uma cidade elitista, concentrada no Plano Piloto, onde habitam 25% apenas da população do Distrito Federal, e onde se geram rendas per capita sete vezes superiores às das cidades-satélites, que abrigam os restantes 75% dos habitantes.

Por desventura da nova capital, menos de um lustro após sua inauguração, instalou-se no País o regime autoritário, hostil a tudo e todos quantos tivessem alguma conexão com o passado imediato. Logo perfilaram-se as distorções da cidade, em relação à que fora concebida. Os candangos, glorificados no bronze monumental de Bruno Giorgi na Praça dos Três Poderes, foram expulsos para as cidades-satélites. Como no samba do pedreiro Valdemar, haviam construído to-

dos esses edifícios e não tinham onde morar.

Foram morar na Ceilândia e em Taguatinga, em Sobradinho e no Gama, Brazlândia e Planaltina, Núcleo Bandeirante e Guará. Os ônibus que transportam os trabalhadores desses lugares para Brasília, onde vêm ganhar o pão de cada dia, ficam immobilizados durante toda a jornada. Saem de lá diretamente para o Plano Piloto, sem recolher passageiros no caminho, e voltam à noite, também diretamente. Essa ociosidade custa caro. E o resultado, segundo o Dieese, é que um terço e em alguns casos até metade do salário desses trabalhadores é consumido com as despesas de transporte.

Ocorre que Brasília está assentada num Planalto, onde não existem morros como no Rio de Janeiro, nos quais os trabalhadores ergueram suas favelas, dai descendendo toda manhã para os locais de trabalho. Havia (e há) o inconveniente de conspurcar a paisagem, no modo de ver dominante, atraindo os turistas para a tomada de fotografias do que consideram coisas exóticas. Daí a firme decisão de um governador de transportar para longe do centro os favelados. Em vão, eles continuam por lá.

Na Grande São Paulo, sucedeu coisa idêntica. A metrópole mais rica do Brasil acabou cercada pela miséria favelada. O então presi-

dente João Baptista Figueiredo, passando pelos arredores da cidade, fechou os olhos e desviou o rosto do espetáculo repugnante. Sua sensibilidade era incompatível com aquela coisa horrorosa. A qual permanece.

Só Brasília é que conseguiu, aparentemente manu militari, afastar do centro para uma distante periferia os construtores manuais da cidade e todos os migrantes, sobretudo nordestinos, atraídos pelo novo pólo de desenvolvimento. A expansão demográfica, vertiginosa e sem controle, agravou os problemas de infraestrutura, saneamento básico, escolas, moradias. O deficit habitacional é de quase cem mil unidades.

Convocados para o que o governador José Aparecido denomina de renascença de Brasília, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa oferecem várias soluções simples para problemas complexos. Uma delas se contém na proposta de Lúcio Costa de aproveitamento das faixas lindereiras às vias de ligação entre o Plano Piloto e as cidades-satélites para uso de famílias de médio e baixo padrão econômico.

Segundo o urbanista, buscou-se falsa solução para o problema de preservar a identidade simbólica da capital, o chamado Plano Piloto. As administrações anteriores adotaram a política

de descentralização e de uma antecipada dispersão periférica, em detrimento da matriz urbana ainda incompleta. Daí as iniciativas igualmente falsas de projetar novas cidades-satélites e implantar onerosos sistemas de transporte de massa, quando as vias de conexão com Brasília continuam vazias, reclamando uma ocupação marginal.

Conforme o Governador e seu Secretário de Viação e Obras explicaram, em entrevistas à imprensa, citando Lúcio Costa, essa "sequência continua de segmentos edificados, formando quadras no sentido das superquadras de Brasília, mas com prédios de apenas três pavimentos sobre pilares baixos, destinados a pequenos funcionários, bancários, comerciários e trabalhadores de modo geral, criará uma cortina arquitetônica urbanisticamente integrada, com escolas, creches, áreas arborizadas de recreio e outras comodidades, além do apoio comercial adequado a populações não motorizadas".

O transporte seria então barateado, devido à frequência em todo o percurso, e por trás das quadras haveria glebas para uso exclusivo de granjas e lavouras, evitando-se o espraiamento suburbano. O britânico Whitehead, talvez o maior filósofo deste século, afirmou que para descobrir o óbvio às vezes é preciso ser genial. A gente é chamada a se lembrar disso ao ver a obviedade do plano de Lúcio Costa.